

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA - BACHARELADO**

CELSO LUIZ DA SILVA JUNIOR

**A SENSÇÃO E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA “FENOMENOLOGIA DA
PERCEPÇÃO” DE MERLEAU-PONTY E SUA RELAÇÃO COM A ARTE**

CAMPINAS

2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA - BACHARELADO**

CELSO LUIZ DA SILVA JUNIOR

**A SENSÇÃO E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA “FENOMENOLOGIA DA
PERCEPÇÃO” DE MERLEAU-PONTY E SUA RELAÇÃO COM A ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso como critério parcial
para aprovação em Bacharelado em Filosofia da
Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

CAMPINAS

2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

J95s	<p>da Silva Junior, Celso Luiz</p> <p>A Sensação e a Experiência Estética na "Fenomenologia da Percepção" de Merleau-Ponty e sua Relação Com a Arte / Celso Luiz da Silva Junior. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>26 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon.</p> <p>TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Corporeidade. 2. Estética. 3. Fenomenologia. I. Godoy Pozzebon, Prof. Dr. Paulo Moacir. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Filosofia. III. Título.</p>
------	--

CELSON LUIZ DA SILVA JUNIOR

**A SENSACÃO E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA “FENOMENOLOGIA DA
PERCEPÇÃO” DE MERLEAU-PONTY E SUA RELAÇÃO COM A ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso como critério parcial
para aprovação em Bacharelado em Filosofia da
Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

Trabalho avaliado e aprovado pelo docente responsável em 02 /12 / 2024.

Muito bom trabalho, merece continuidade e aprofundamento. Nota: Dez.



Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

Para minha família e amigos, os poucos que importam.

Caso contrário, tornar-me-ei filósofo.

Ludwig Josef Johann Wittgenstein

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso a seguir, propõe explorar a relação entre a experiência estética e a percepção sensorial, destacando a contribuição da obra de Maurice Merleau-Ponty, especialmente sua "Fenomenologia da Percepção". A pesquisa visa entender como a concepção fenomenológica do corpo e da percepção informa a experiência estética e enriquece a filosofia da arte, oferecendo novas perspectivas sobre criação, apreciação artística e a relação entre artista e arte. A metodologia inclui a análise dos conceitos chave de Merleau-Ponty e suas implicações para a filosofia da arte, buscando contribuir para uma compreensão mais profunda da experiência estética e enriquecer o diálogo filosófico contemporâneo. Os resultados aqui apresentados elencam a relação entre artista, espectador e obra de arte, assim como os desdobramentos da análise estética com o viés elucidativo da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. As considerações finais destacam como Merleau-Ponty redefine a sensação como uma experiência ativa e encarnada, integrando corpo e mundo em uma vivência unificada. Na arte, essa visão transforma o espectador em participante sensorial, fundindo-o com a obra em uma interação direta e corporal. Para o artista, o corpo é mediador da criação, traduzindo vivências em expressões sensoriais. A arte moderna exemplifica essa abordagem ao provocar respostas perceptivas diretas, dissolvendo fronteiras entre sujeito e objeto e revelando a unidade essencial entre corpo, mente e mundo.

Palavras-chave: Corpo próprio, Corporeidade, Estética, Percepção.

ABSTRACT

The following Bachelor's Thesis proposes to explore the relationship between aesthetic experience and sensory perception, highlighting the contribution of Maurice Merleau-Ponty's work, particularly his "Phenomenology of Perception." The research aims to understand how the phenomenological conception of the body and perception informs aesthetic experience and enriches the philosophy of art, offering new perspectives on creation, artistic appreciation, and the relationship between artist and artwork. The methodology includes an analysis of Merleau-Ponty's key concepts and their implications for the philosophy of art, seeking to contribute to a deeper understanding of aesthetic experience and to enrich contemporary philosophical dialogue. The results presented here outline the relationship between the artist, the viewer, and the artwork, as well as the outcomes of aesthetic analysis through the elucidative lens of Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception*. The final considerations emphasize how Merleau-Ponty redefines sensation as an active and embodied experience, integrating body and world into a unified lived experience. In art, this perspective transforms the viewer into a sensory participant, merging them with the artwork through direct and embodied interaction. For the artist, the body acts as a mediator of creation, translating lived experiences into sensory expressions. Modern art exemplifies this approach by evoking direct perceptual responses, dissolving boundaries between subject and object, and revealing the essential unity of body, mind, and world.

Keywords: Own Body, Corporeality, Aesthetics, Perception.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS SOBRE A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU-PONTY	11
2.1 A OBRA FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO	11
2.1.1 CONTEXTO FILOSÓFICO E INFLUÊNCIAS	11
2.1.2 O CORPO COMO SUJEITO PERCEPTIVO	12
2.1.2.1 ESQUEMA CORPORAL	12
2.1.3 A INTENCIONALIDADE MOTORA E O ATO PERCEPTIVO	13
2.2 A SENSACÃO	14
3. FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO E POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES NA ARTE	17
3.1 A SENSACÃO E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA	17
3.2 A ARTE COMO EXPRESSÃO CORPORAL E INTENCIONALIDADE	17
3.3 O "ESQUEMA CORPORAL" NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA	18
3.4 A OBRA DE ARTE COMO "CARNE DO MUNDO"	18
3.5 A EXPERIÊNCIA DO BELO COMO FENÔMENO SENSÍVEL E ENCARNADO	19
3.6 A SENSACÃO E A ARTE MODERNA: DESAFIOS À REPRESENTAÇÃO	19
4. CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

A compreensão da experiência estética e sua relação com a percepção sensorial tem sido um tema de interesse contínuo ao longo da história da filosofia. Neste contexto, a obra do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty emerge como um ponto de referência crucial. Sua abordagem fenomenológica não apenas oferece uma perspectiva única sobre a natureza da experiência, mas também lança luz sobre a forma como percebemos e nos envolvemos com a arte. Merleau-Ponty argumenta que a percepção não é apenas um processo passivo de recepção de dados sensoriais, mas uma interação ativa com o mundo ao nosso redor, onde a experiência emerge de nossa percepção encarnada na fisiologia:

O sensível é aquilo que se apreende com os sentidos, mas nós sabemos agora que este "com" não é simplesmente instrumental, que o aparelho sensorial não é um condutor, que mesmo na periferia a impressão fisiológica se encontra envolvida em relações antes consideradas como centrais. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 32)

Esta pesquisa, portanto, propõe-se a explorar a complexa interseção entre a experiência e a percepção estética, utilizando como lente teórica a filosofia merleau-pontyana, com enfoque na obra “Fenomenologia da Percepção” (Merleau-Ponty, 2018). Em particular, busca compreender como sua concepção fenomenológica do corpo vivido e da percepção sensível e sua relação com a sensação pode informar a compreensão da experiência estética. Além disso, pretende-se examinar a maneira pela qual essa abordagem fenomenológica se relaciona e pode enriquecer a filosofia da arte, oferecendo possibilidades sobre a natureza da criação e apreciação artística, além da relação entre artista e arte. Merleau-Ponty aponta que o corpo vivido e sentido é inspetor e interrogador do mundo:

Como diz Merleau-Ponty nesse ensaio, é através do olhar que primeiro interrogamos as coisas, e devemos compreender o corpo, de forma geral, como um sistema voltado para a inspeção do mundo. (FURLAN e ROZESTRATEN, 2005, p. 61)

Para alcançar esses objetivos, nossa investigação será estruturada da seguinte forma: inicialmente, delimitaremos os principais conceitos da filosofia de Merleau-Ponty relacionados à experiência e à percepção, destacando sua relevância para a compreensão da estética. Em seguida, exploraremos as implicações dessa abordagem para a arte e filosofia da arte, examinando como ela pode informar nossa análise das obras artísticas e do fazer artístico.

Ao conduzir esta pesquisa, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda da experiência estética e seu papel fundamental na vida humana, ao mesmo tempo em que oferecemos uma nova perspectiva sobre a filosofia da arte, enriquecendo o diálogo filosófico contemporâneo. Assim como, tendo a experiência estética através da lente da fenomenologia de Merleau-Ponty, faz-se fundamentar possíveis avanços na compreensão tanto da filosofia quanto da estética. Oferecendo uma abordagem holística que reconhece a interconexão entre percepção sensorial, corpo vivido e experiência estética, enriquecendo o campo da filosofia da arte e proporcionando conceitos de valor para a apreciação e criação artística.

2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS SOBRE A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU-PONTY

2.1 A OBRA FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) é uma figura central na filosofia do século XX e um dos principais representantes da fenomenologia. A obra *Fenomenologia da Percepção*, publicada em 1945, é considerada sua contribuição mais importante e original para o campo, onde ele aprofunda e questiona conceitos fenomenológicos previamente estabelecidos por Edmund Husserl e Martin Heidegger. Merleau-Ponty desenvolve uma visão única sobre a percepção, argumentando que o corpo é o centro da experiência e o ponto de partida para compreender a realidade.

Neste capítulo, exploraremos os principais aspectos e conceitos discutidos em *Fenomenologia da Percepção*, incluindo a crítica de Merleau-Ponty ao dualismo cartesiano, sua ênfase no corpo como sujeito perceptivo e sua abordagem sobre o conceito de intencionalidade. Analisaremos como estes conceitos revolucionaram a forma de pensar sobre a experiência sensorial, o corpo, a consciência e a relação com o mundo.

2.1.1 CONTEXTO FILOSÓFICO E INFLUÊNCIAS

A fenomenologia, iniciada por Edmund Husserl, foi originalmente uma investigação sobre a estrutura da consciência e o modo como esta "intenciona" ou se dirige ao mundo. Husserl defendia que o objeto de estudo da fenomenologia era o "fenômeno", isto é, aquilo que aparece à consciência, sempre dentro de uma relação sujeito-objeto. Merleau-Ponty, embora influenciado por esse projeto, encontra uma lacuna na concepção husserliana ao perceber que ela subestima o papel do corpo na experiência.

Martin Heidegger, outro precursor da fenomenologia, já havia dado passos significativos na direção de uma compreensão mais contextual e prática da existência humana ao desenvolver o conceito de "ser-no-mundo" (Heidegger, 2005). Ele enfatiza que o sujeito não é um observador externo do mundo, mas alguém que está envolvido em atividades e práticas cotidianas. Merleau-Ponty aprofunda essa ideia, incorporando o corpo como ponto de partida e vetor de nossa relação com o mundo, sendo mais radical ao afirmar que o corpo é o próprio meio da experiência.

2.1.2 O CORPO COMO SUJEITO PERCEPTIVO

Para Merleau-Ponty, o corpo não é uma "coisa" ou um "instrumento" subordinado ao controle da mente; ele é, na verdade, o sujeito da percepção. Esse conceito, que ele denomina "corpo próprio" (*corps propre*), representa o corpo como um "eu perceptivo" que sente, age e interage com o ambiente de forma pré-reflexiva. O "corpo próprio" é a unidade fundamental da experiência, uma entidade que não é meramente física nem completamente subjetiva, mas uma estrutura que conecta o ser humano ao mundo de maneira inseparável. Evidencia-se no trecho a seguir:

Os movimentos do corpo próprio são naturalmente investidos de certa significação perceptiva, eles formam, com os fenômenos exteriores, um sistema tão bem ligado que a percepção externa "leva em conta" o deslocamento dos órgãos perceptivos, encontra neles, senão a explicação expressa, pelo menos o motivo das mudanças que intervieram no espetáculo, e assim pode compreendê-las imediatamente. Quando tenho a intenção de olhar para a esquerda, este movimento do olhar traz nele, como sua tradução natural, uma oscilação do campo visual: os objetos permanecem no seu lugar, mas depois de terem vibrado por um instante. Essa consequência não é aprendida, ela faz parte das montagens naturais do sujeito psicofísico, ela é, nós o veremos, um anexo de nosso "esquema corporal", é a significação imanente de um deslocamento do "olhar". (Merleau-Ponty, 2018, p. 78-79)

Essa ideia leva Merleau-Ponty a reformular a percepção como um fenômeno em que o corpo está implicado ativamente. Ele utiliza o termo "esquema corporal" para descrever a estrutura organizada do corpo que permite a orientação no espaço e a interação com o ambiente de maneira intuitiva. Esse esquema não é apenas uma imagem mental, mas uma capacidade prática e motora que regula o movimento e as ações sem necessidade de uma reflexão consciente.

2.1.2.1 ESQUEMA CORPORAL

O "esquema corporal" é a base para entender a maneira como nos situamos no espaço e interagimos com objetos e outras pessoas. Segundo Merleau-Ponty, a percepção é uma experiência vivida que ocorre através do corpo, de forma pré-reflexiva e não conceitual. Por exemplo, ao pegar um copo d'água, não é necessário refletir sobre cada movimento; o corpo simplesmente age de forma fluida e natural. Esse esquema é dinâmico, ajustando-se conforme nossas interações e experiências, e reflete a capacidade do corpo de antecipar e adaptar-se ao ambiente.

2.1.3 A INTENCIONALIDADE MOTORA E O ATO PERCEPTIVO

A intencionalidade motora, conforme desenvolvida por Merleau-Ponty, é uma ideia que reconfigura a noção de intencionalidade central para a fenomenologia de Husserl. Na visão de Husserl, a intencionalidade é a característica fundamental da consciência: ela sempre "aponta" para algo, seja uma ideia, um objeto ou uma situação. Porém, Merleau-Ponty propõe uma transformação essencial ao considerar o papel ativo do corpo nesse processo.

Para Merleau-Ponty, a intencionalidade não é exclusivamente mental, mas fundamentalmente corporal. Ele introduz a ideia de "intencionalidade motora" para descrever como o corpo, por meio de sua postura, movimentos e disposições, se engaja com o mundo antes mesmo que a consciência deliberada tenha tempo de processar informações detalhadamente. Ou seja, ao interagir com o ambiente, o corpo é capaz de "intuir" relações espaciais e tomar decisões automáticas — como ajustar o passo ao caminhar por um terreno irregular — sem necessidade de um processamento mental explícito.

[...] entre o movimento enquanto processo em terceira pessoa e o pensamento enquanto representação do movimento, uma antecipação ou uma apreensão do resultado assegurada pelo próprio corpo enquanto potência motora, um "projeto motor" (*Bewegungsentwurf*), uma "intencionalidade motora" [...].(Merleau-Ponty, 2018, p. 159)

Nesse sentido, a percepção para Merleau-Ponty não é uma função exclusivamente cognitiva, mas envolve um engajamento direto do corpo com o mundo. O corpo, dotado de uma espécie de "saber incorporado", interage com objetos e espaço de modo ativo e imediato, permitindo uma experiência perceptiva contínua e fluida. Assim, a percepção é vista como um ato dinâmico e corporal que vai além do mero registro de informações sensoriais: o corpo já compreende intuitivamente o ambiente, respondendo de maneira adaptativa e espontânea.

Essa perspectiva oferece uma reavaliação do corpo, não mais como um meio passivo que leva estímulos para a mente, mas como um elemento ativo e fundamental na construção da experiência e da percepção. Com a intencionalidade motora, Merleau-Ponty propõe que o corpo é o ponto de interseção entre sujeito e mundo, de tal forma que a nossa compreensão do espaço e das coisas é sempre uma experiência vivida corporalmente, profundamente conectada à nossa própria corporeidade.

2.2 A SENSACÃO

No capítulo primeiro de *Fenomenologia da Percepção* (Merleau-Ponty, 2018), Merleau-Ponty evoca a "sensação". Enunciando que mesmo outrora simples e concebível, ou como ele

diz: “[...] imediata e clara.” (Merleau-Ponty, 2018, p. 23), a sensação pode ir além da linguagem, ao fenômeno da percepção. Neste capítulo Merleau-Ponty abordará a crítica às noções empiristas e intelectualistas de sensação, sua redefinição do conceito no contexto da fenomenologia, e as implicações dessa abordagem para a compreensão da percepção humana. Analisaremos como Merleau-Ponty demonstra que sensação e percepção não são fases distintas da experiência, mas aspectos de uma interação corporal contínua com o mundo.

Nesse sentido, Merleau-Ponty argumenta que a sensação é uma experiência situada, mediada pelo corpo e diretamente influenciada pelo contexto em que ocorre. Ao elucidar a questão perceptiva, Merleau-Ponty traz à análise, a sensação como fenômeno perceptivo, cujo autor elabora ser um “algo”, uma necessidade para o nomeamento do fenômeno como percepção:

[...] fenômeno perceptivo, daquilo sem o que um fenômeno não pode ser chamado de percepção. O “algo” perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um “campo”. (Merleau-Ponty, 2018, p. 24)

O “campo” a que Merleau-Ponty se refere aqui, indica a influência da psicologia de Gestalt em sua fenomenologia. A psicologia de Gestalt enfatiza a necessidade de um todo para que as partes sejam evidentemente analisadas como objetos da experiência.

Os gestaltistas argumentam que a experiência perceptual está organizada em todos significativos, por exemplo, em figura-e-fundo, [...]. Na experiência, o todo é anterior às partes e, portanto, é mais do que sua soma. (Cerbone, 2022, p. 147).

Para Merleau-Ponty, a sensação não é uma “matéria-prima” da experiência que pode ser isolada do contexto perceptivo (todo). Ele sugere que toda sensação já é carregada de significados implícitos e está enredada na maneira como o sujeito se relaciona com o mundo. Ao invés de serem dados absolutos, como postula o empirismo, ou meros estímulos para serem organizados pela mente, como sugere o intelectualismo, as sensações são fenômenos diretamente moldados pela corporalidade e pela ação do sujeito no mundo, como se segue:

Quando dizemos que o vermelho aumenta a amplitude de nossas reações, não se deve entendê-lo como se se tratasse ali de dois fatos distintos, uma sensação de vermelho e reações motoras — é preciso compreender que o vermelho, por sua textura que nosso olhar segue e esposa, já é a amplificação de nosso ser motor. O sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele. (Merleau-Ponty, 2018, p. 285)

Ao sentir a textura de um objeto, a experiência dessa textura é diretamente influenciada pela forma como a mão se move e interage com o objeto, pela pressão exercida e pela expectativa que o sujeito possui sobre o que está tocando. A sensação, portanto, não é uma reação passiva a estímulos externos, mas uma experiência ativa, orientada pela intencionalidade do corpo. Esse entendimento implica que as sensações não são partes isoladas, mas estão sempre integradas em um "campo fenomenal", ou seja, um contexto mais amplo que envolve a totalidade das nossas interações sensoriais e motora. Para Merleau-Ponty, o corpo não é apenas o receptor de estímulos; ele é o "sujeito perceptivo", que responde ao ambiente e dá sentido às sensações de maneira ativa e pré-reflexiva. Portanto o próprio espectador filósofo se enquadra como esse sujeito de acordo com Merleau-Ponty:

O sujeito perceptivo é o lugar dessas coisas, e o filósofo descreve as sensações e seu substrato como se descreve a fauna de um país distante — sem perceber que ele mesmo percebe, que ele é sujeito perceptivo e que a percepção, tal como ele a vive, desmente tudo o que ele diz da percepção em geral. Pois, vista do interior, a percepção não deve nada àquilo que nós sabemos de outro modo sobre o mundo, sobre os estímulos tais como a física os descreve e sobre os órgãos dos sentidos tais como a biologia os descreve (Merleau-Ponty, 2018, p. 279).

A partir dessa conceptualização podemos compreender que o sujeito enquanto perceptivo percebe através do seu dar-se no mundo, ou seja, por sua interação com o ambiente e com a “mundaneidade” a que está exposto. Não obstante, faz-se necessário que este sujeito tenha um corpo e seja corpo.

2.2.1 O CORPO COMO VEÍCULO DA SENSACÃO

A ideia de que o corpo é um “veículo” da sensação implica que as experiências não ocorrem isoladas da corporeidade. O corpo é o meio pelo qual somos capazes de sentir e perceber o mundo ao nosso redor. As sensações, portanto, são totalmente dependentes de como o corpo se situa no espaço, como se move e como interage com o ambiente. Essa visão contrasta com perspectivas anteriores, como as de Descartes, que entendia o corpo como uma máquina separada da mente (Descartes, 1979, p.129-142), o dualismo *res extensa* e *res cogitans*. Para Merleau-Ponty, o corpo é o ponto de articulação entre o mundo e o sujeito, um lugar onde o “eu” se encontra com o “outro” e onde se dá a percepção sensorial. Nesse sentido, o corpo é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de percepção, pois ele sente e é sentido, percebe e é percebido.

Um dos conceitos centrais na obra de Merleau-Ponty é o “esquema corporal” (Merleau-Ponty, 2018, p. 78-79) – uma noção que se refere à forma como o corpo se organiza e se orienta no espaço. Esse esquema corporal é uma estrutura dinâmica, um tipo de inteligência prática do

corpo que lhe permite responder aos estímulos e situar-se no mundo sem a necessidade de um cálculo consciente. O esquema corporal funciona de maneira automática, ajustando movimentos, postura e equilíbrio em resposta às condições do ambiente. Por exemplo, quando uma pessoa anda por um terreno acidentado, ela ajusta automaticamente sua postura para se equilibrar, mesmo sem uma análise consciente do que está acontecendo. Esse fenômeno exemplifica como o corpo tem uma “sabedoria” prática, uma capacidade de responder aos estímulos de forma integrada e fluida.

Para Merleau-Ponty, a noção de esquema corporal é fundamental porque evidencia que o corpo é capaz de unificar as sensações e dar a elas um sentido de continuidade e coesão. Essa unidade é essencial para que possamos perceber o mundo como um todo contínuo e não como uma série de impressões fragmentadas. O corpo integra as diferentes sensações, como visão, audição e tato, permitindo que o sujeito tenha uma experiência unificada da realidade. Esse processo é o que Merleau-Ponty chama de "sinestesia primária", onde diferentes sentidos se entrelaçam para formar uma experiência única e coesa do mundo (Merleau-Ponty, 2018, p. 307-308). Assim, o esquema corporal torna possível a experiência da unidade do mundo, já que organiza as sensações de forma prática e coerente.

Além disso, o conceito de corpo como veículo da sensação tem implicações importantes para a maneira como entendemos a subjetividade e a identidade. O corpo, ao ser o mediador da experiência, se torna a base sobre a qual construímos nossa percepção de quem somos. A relação do corpo com o ambiente externo molda nossa percepção de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Essa visão é especialmente relevante no contexto das artes, da psicologia e da educação, onde o papel do corpo na construção da subjetividade e da experiência sensorial é cada vez mais reconhecido. Por exemplo, práticas como a dança, o teatro e a meditação mostram como a percepção e a autoconsciência são profundamente influenciadas pela forma como vivenciamos nosso corpo.

3. FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO E POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES NA ARTE

3.1 A SENSACÃO E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Merleau-Ponty argumenta que a sensação é sempre uma experiência situada e ativa, onde o corpo age intencionalmente no mundo (Merleau-Ponty, 2018, p. 83). Na filosofia da arte, isso desafia a visão tradicional que separa o sujeito observador e o objeto artístico, permitindo uma compreensão mais integrada e direta da experiência estética. Para Merleau-Ponty, a sensação não é apenas um ponto de partida, mas uma estrutura da experiência perceptiva que se mantém dinâmica e interativa, sendo o próprio corpo do espectador o mediador entre ele e a obra/objeto:

Sempre temos conosco um princípio constante de distração e de vertigem que é nosso corpo. Mas nosso corpo não tem o poder de fazer-nos ver aquilo que não existe; ele pode apenas fazer-nos crer que nós o vemos. A lua no horizonte não é e não é vista maior do que no zênite: se a olharmos atentamente, por exemplo através de um tubo de cartolina ou de uma luneta, veremos que seu diâmetro aparente permanece constante (Merleau-Ponty, 2018, p. 55)

Como no exemplo da Lua dado por Merleau-Ponty, também o remetemos ao exemplo da pintura. Ao observar uma pintura, o espectador não simplesmente recebe uma série de estímulos visuais passivos; ele se envolve com as cores, formas e texturas de maneira encarnada. Esse engajamento direto não é uma abstração intelectual, mas uma experiência imediata e corporal que constitui o ato de ver a obra. Nesse contexto, a sensação é um "contato" sensível e pessoal com a obra, que envolve emoções, movimento do olhar e uma interpretação pré-reflexiva, tudo compondo a experiência estética em sua totalidade.

3.2 A ARTE COMO EXPRESSÃO CORPORAL E INTENCIONALIDADE

No pensamento merleau-pontyano, o ato de criar uma obra de arte pode ser entendido como um processo de expressão corporal, em que o artista transmite suas percepções e sua experiência de mundo por meio do corpo (Merleau-Ponty, 2018, p. 258). Assim como a sensação é uma experiência que depende do contexto e do corpo, a arte é vista como uma expressão enraizada na própria corporalidade do artista.

A intencionalidade motora – conceito de Merleau-Ponty que explica como o corpo se orienta de maneira prática e natural no mundo – já supracitada, pode ser aplicada à criação artística, onde o gesto do artista carrega intencionalidade expressiva. Ao pintar, esculpir ou

dançar, o artista não "pensa" em cada movimento isoladamente; em vez disso, ele permite que o corpo expresse sua compreensão intuitiva e sensível do mundo. Esse movimento, carregado de significado, coloca o espectador em contato com a experiência do artista de maneira sensorial e fenomenal.

3.3 O "ESQUEMA CORPORAL" NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

O conceito de "esquema corporal", que organiza e orienta o corpo de maneira pré-reflexiva como vimos acima, também é aplicável à prática artística. O esquema corporal do artista se manifesta como uma inteligência prática que se expressa por meio do movimento e da criação, moldando as cores, formas ou sons de acordo com uma intuição sensorial do mundo. Esse processo permite que a obra de arte seja não apenas um objeto, mas um vestígio da experiência sensorial do artista, uma forma de tornar visível o invisível, aquilo que habita o interior do artista, cujo expressa através da corporeidade.

Merleau-Ponty discute que, em obras como as de Cézanne, o artista não busca apenas representar o mundo, mas trazê-lo à presença através de uma experiência sensorial encarnada. Esse "ver" do artista não é um ver distanciado, mas um envolvimento direto que transmite a realidade vivida.

Não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas antes à obra de arte. Em um quadro ou em uma peça musical, a idéia só pode comunicar-se pelo desdobramento das cores e dos sons. A análise da obra de Cézanne, se não vi seus quadros, deixa-me a escolha entre vários Cézannes possíveis, e é a percepção dos quadros que me dá o único Cézanne existente, é nela que as análises adquirem seu sentido pleno. O mesmo acontece com um poema ou com um romance, embora eles sejam feitos de palavras. Sabe-se que um poema, se comporta uma primeira significação, traduzível em prosa, leva no espírito do leitor uma segunda existência que o define enquanto poema. Assim como a fala significa não apenas pelas palavras, mas ainda pelo sotaque, pelo tom, pelos gestos e pela fisionomia, e assim como esse suplemento de sentido revela não mais os pensamentos daquele que fala, mas a fonte de seus pensamentos e sua maneira de ser fundamental, da mesma maneira a poesia, se por acidente é narrativa e significante, essencialmente é uma modulação da existência. (Merleau-Ponty, 2018, p. 208-209)

Portanto o “esquema corporal”, tanto no artista quanto no espectador evidencia o deleite existencial e perceptivo no contrato obra-autor, ou obra-espectador.

3.4 A OBRA DE ARTE COMO “CARNE DO MUNDO”

No desenvolvimento posterior de sua obra, Merleau-Ponty introduz o conceito de "carne" (chair), que refere-se à continuidade e interconexão entre o sujeito e o mundo. Na

filosofia da arte, essa ideia sugere que a obra de arte e o espectador não são separados por uma distância intransponível; ao contrário, eles compartilham a mesma "carne do mundo". Esse conceito permite uma compreensão fenomenológica da arte: ao observar uma pintura, o espectador não se limita a interpretar mentalmente a imagem, mas a "vive" sensorialmente, experimentando uma continuidade com a obra. Assim, uma pintura deixa de ser apenas uma representação visual e se torna uma extensão da percepção do próprio espectador, gerando uma sensação de proximidade e pertencimento. A "carne" da obra está em seu poder de evocar sensações e emoções que o espectador sente como próprias, formando uma ligação entre o interior do sujeito e o exterior do mundo.

3.5 A EXPERIÊNCIA DO BELO COMO FENÔMENO SENSÍVEL E ENCARNADO

Na filosofia da arte, a experiência do belo é tradicionalmente associada à ideia de contemplação desinteressada, que separa o observador do objeto. A abordagem de Merleau-Ponty desafia essa visão ao propor que o belo é experimentado de maneira sensorial, encarnada e situada. Em vez de observar uma obra de arte de maneira puramente intelectual, o espectador se engaja com ela sensivelmente, permitindo que suas cores, formas e ritmos sejam experimentados como uma extensão de sua própria corporeidade.

Assim, o "belo", em Merleau-Ponty, pode ser entendido como uma ressonância sensível que emerge da interação entre o corpo do espectador e a obra de arte. A sensação estética, dessa forma, é uma resposta visceral, uma experiência que ocorre no nível do corpo, onde não há separação clara entre o eu e o objeto.

3.6 A SENSACÃO E A ARTE MODERNA: DESAFIOS À REPRESENTAÇÃO

Merleau-Ponty também oferece uma estrutura conceitual para entender as inovações da arte moderna, que frequentemente abandona a representação figurativa em favor da exploração sensorial e experimental. Em vez de buscar uma reprodução precisa da realidade, muitos artistas modernos se concentram em evocar uma resposta sensorial imediata, explorando cores, formas e texturas para provocar reações que não podem ser descritas em termos racionais ou representativos.

No contexto da arte abstrata, Merleau-Ponty nos ajuda a ver que a obra de arte pode ser uma experiência em si mesma, e não um "meio" para chegar a algo além dela. Com isso, a

pintura abstrata, por exemplo, não representa objetos ou cenas reconhecíveis; em vez disso, ela explora a potência das cores, das formas e das texturas para criar uma experiência perceptual única e sensível. Essa mudança desloca o foco da obra de sua função representacional para sua capacidade de provocar sensações, uma experiência estética que fala diretamente ao corpo e aos sentidos do espectador.

Para Merleau-Ponty, a arte moderna, especialmente a abstrata, não busca imitar o mundo visível, mas revelar o invisível por meio de uma linguagem visual própria. Ao abandonar o figurativo, o artista explora aspectos sensoriais e emocionais da experiência, convidando o espectador a uma interação mais direta e menos mediada pela cognição e pelo reconhecimento de formas familiares. A abstração, nesse sentido, rompe com a necessidade de "entender" a obra de maneira lógica e racional, orientando o observador para um contato mais direto e pré-reflexivo com a pintura.

Essa mudança desafia o espectador a perceber e a sentir a obra sem a intermediação da representação, envolvendo-se com a obra de forma visceral. A exploração sensorial e perceptiva na arte abstrata permite que o espectador se encontre com o mundo de uma maneira mais profunda e menos objetificada, onde a sensação e a percepção corporal substituem a interpretação simbólica ou literal.

Merleau-Ponty enfatiza que o corpo não é um observador distante, mas o meio por onde toda percepção se realiza. Assim, na interação com uma obra abstrata, o espectador é levado a mover seu olhar, ajustar seu foco, explorar as camadas de cores e as sobreposições de formas – em suma, a usar seu próprio corpo e seus sentidos para se orientar na obra. Isso exemplifica o conceito de "intencionalidade motora", a capacidade que o corpo tem de se engajar com o ambiente de maneira ativa e pré-reflexiva.

Esse envolvimento corpóreo se manifesta em cada ato de olhar, onde os movimentos oculares, a proximidade com a obra, as reações emocionais e a orientação do próprio corpo formam uma dança que constitui a experiência estética. A arte abstrata, ao não oferecer uma narrativa ou representação clara, convida o observador a "entrar" na obra e explorá-la fisicamente. Esse ato de exploração se conecta ao conceito de "esquema corporal" de Merleau-Ponty, que se refere à capacidade do corpo de se situar no mundo de maneira espontânea e prática. Ao engajar seu esquema corporal, o espectador experimenta a obra não como uma imagem estática, mas como uma relação viva, onde seu corpo se adapta, reage e se envolve com a obra.

A arte abstrata é uma abertura para novas possibilidades perceptivas, onde o artista não tenta impor uma interpretação, mas convida o espectador a experimentar o mundo de maneira

inédita. Essa abordagem faz com que a arte abstrata funcione quase como uma "fenomenologia visual", que permite ao observador redescobrir o seu próprio olhar, suas sensações e suas reações corporais ao explorar a obra. O "significado" da obra, portanto, não está nela, mas emerge da interação ativa e sensorial entre o espectador e a pintura.

Por exemplo, ao olhar para uma pintura abstrata cheia de movimentos, formas sinuosas e cores vibrantes, o espectador é convidado a acompanhar essas linhas com seu olhar e perceber o ritmo e a energia que elas transmitem. Cada linha e cada cor estabelecem uma espécie de pulsação, que o observador sente em seu próprio corpo ao se conectar sensorialmente com a obra. Esse engajamento direto é o que torna a experiência estética abstrata tão poderosa e transformadora: não é uma experiência distante, mas uma vivência sensível e imediata.

A filosofia de Merleau-Ponty contribui ainda para uma compreensão mais profunda da subjetividade na arte moderna. Se a arte tradicional muitas vezes retrata o mundo de maneira externa, a arte moderna e abstrata se torna uma extensão da experiência subjetiva do próprio artista, que expressa suas percepções e emoções através de formas que convidam o espectador a compartilhar essa experiência subjetiva de maneira sensorial. A obra se torna uma "expressão encarnada" (Merleau-Ponty, 2018, p. 267) das percepções do artista, e o espectador se conecta a essa subjetividade não por meio de símbolos ou de uma linguagem racional, mas através da sensação compartilhada.

A subjetividade, portanto, não é algo contido exclusivamente no artista ou no observador, mas é um processo contínuo e compartilhado que surge na relação entre ambos. Quando o espectador se conecta sensorialmente com a obra abstrata, ele não está apenas "observando" uma criação, mas participando de uma experiência subjetiva encarnada, na qual seus próprios sentidos, sentimentos e percepções são ativados e transformados.

De acordo com o autor, a arte abstrata abre o caminho para acessar as camadas "invisíveis" da experiência, aquelas que não podem ser descritas ou representadas de maneira direta, mas que são sentidas e intuídas no nível corporal. A abstração revela um mundo que não é óbvio, um mundo de sensações, emoções e forças que geralmente estão ocultas na experiência cotidiana.

Essa revelação de camadas ocultas é um aspecto central da fenomenologia de Merleau-Ponty, que vê a percepção não como uma cópia do mundo, mas como uma exploração contínua de suas possibilidades e profundidades. A arte abstrata torna-se um veículo para essa exploração, oferecendo ao observador uma experiência que desafia a percepção tradicional e abre novas formas de ver e sentir o mundo.

Merleau-Ponty nos convida a ver a arte moderna e abstrata não apenas como uma forma de expressão artística, mas como uma experiência fenomenológica em si. Ao provocar uma resposta sensorial imediata e ao explorar as formas, cores e texturas de maneira não figurativa, a arte abstrata abre espaço para uma experiência de percepção ampliada e de auto exploração. Nesse contexto, o espectador se torna parte da obra, um participante ativo que, ao engajar seu corpo e seus sentidos, transforma o ato de observar em uma vivência fenomenológica.

Esse engajamento direto com a obra redefine o papel do espectador, que não está mais diante de um objeto a ser interpretado, mas imerso em um fenômeno a ser experimentado. A arte moderna, assim, se torna um convite para redescobrir a própria percepção, para explorar o mundo com um olhar renovado e para reconhecer a profundidade sensorial e existencial da experiência estética.

4. CONCLUSÃO

Em Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty reformula o conceito de sensação para além da passividade descrita pelo empirismo e da organização racionalizada proposta pelo intelectualismo, posicionando-a como uma experiência ativa, situada e essencialmente corporal. Sua crítica fundamenta-se na noção de que a percepção humana não é uma simples resposta a estímulos nem uma atividade intelectual pura, mas uma vivência encarnada que integra o sujeito e o mundo. Para Merleau-Ponty, a sensação e a percepção são aspectos inseparáveis da experiência vivida: o corpo não é um objeto que "recebe" o mundo, mas um agente sensível, capaz de intuir e responder de forma pré-reflexiva a partir de seu "esquema corporal".

A ideia de "campo" perceptivo, inspirada pela psicologia da Gestalt, é central para essa visão. Segundo Merleau-Ponty, o significado das sensações é constituído pelo contexto ou "campo" em que surgem, revelando que a percepção não acontece em fragmentos isolados, mas como uma totalidade significativa. Esse campo perceptivo implica que cada sensação carrega em si um "algo" que a situa no mundo, uma necessidade que se liga diretamente à experiência de quem a percebe. Dessa maneira, a percepção e a sensação são uma só vivência, continuamente interligada à corporeidade e ao movimento, na qual o corpo age e é ao mesmo tempo afetado pelo mundo em uma sincronia essencial.

Na arte, essa compreensão fenomenológica transforma o papel do espectador, que não é mais um observador distante, mas um participante sensorial da obra. Merleau-Ponty propõe que a experiência estética é uma forma de envolvimento direto, uma interação corporal em que a obra de arte e o observador se fundem em uma "carne do mundo". Esse conceito, introduzido em seus escritos posteriores, sugere que a obra não apenas representa o mundo, mas participa de uma continuidade com o espectador, gerando uma experiência onde a percepção do objeto estético é simultaneamente uma vivência de si mesmo. Esse engajamento corporal direto com a obra implica que, ao contemplá-la, o espectador se sente parte do que vê, sendo tocado pelas cores, formas e texturas de maneira que não pode ser apenas racionalizada.

No processo de criação artística, o corpo do artista se torna o "veículo" das percepções, transformando experiências vividas em expressão sensorial. Para Merleau-Ponty, o "esquema corporal" do artista é uma forma de inteligência prática e dinâmica que orienta sua relação com o espaço, as cores, os sons ou as formas, dando forma a uma compreensão intuitiva e não-verbal do mundo. Assim, a obra de arte é um vestígio material da percepção encarnada do artista, onde o corpo atua como mediador da expressão, revelando sua própria experiência de realidade. Esse

envolvimento direto torna a criação artística uma “modulação da existência”, onde o invisível torna-se visível por meio de gestos, ritmos e matizes que capturam a vivência do artista no mundo.

Ao trazer a arte moderna para o debate, Merleau-Ponty valoriza ainda mais a sensação como experiência ativa. A arte abstrata, que abandona a representação literal, evoca a resposta sensorial direta, solicitando que o espectador explore sua própria corporeidade ao experimentar a obra. Aqui, a sensação se desdobra não como mera recepção de estímulos, mas como uma co-criação perceptiva, em que o espectador é convocado a sentir e a percorrer a obra com seu olhar e seu corpo. Assim, a arte transforma o espectador em agente perceptivo, fazendo da experiência estética um fenômeno sensível e encarnado que dá nova significação ao conceito de belo. Para Merleau-Ponty, essa experiência do belo não é uma abstração, mas uma interação viva que dissolve as fronteiras entre sujeito e objeto, criando um espaço onde a percepção e o ser se encontram.

Desse modo, Merleau-Ponty não apenas redefine a sensação e a percepção, mas propõe uma visão mais integrada do ser humano, em que corpo e mente, sujeito e mundo, estão entrelaçados. A arte, para ele, é um campo privilegiado onde essa unidade se manifesta, um espaço onde a sensação e a intencionalidade motora do corpo permitem ao espectador uma experiência profunda de si e do outro, onde o sensível e o sensorial se unem em um testemunho vívido da nossa condição encarnada no mundo.

REFERÊNCIAS

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3. ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2014.

DESCARTES, René. *Meditações*. Coleção **Os pensadores**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FURLAN, Reinaldo; ROZESTRATEN, Annie Simões. **Arte em Merleau-Ponty**. Nat. hum., São Paulo , v. 7, n. 1, p. 59-93, jun. 2005 . Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200002&lng=pt&nrm=iso. acessos em 01 maio 2024.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** Pt. 1. 15. ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

